



# Documents of 20th-century Latin American and Latino Art

A DIGITAL ARCHIVE AND PUBLICATIONS PROJECT AT THE MUSEUM OF FINE ARTS, HOUSTON

---

**WARNING:** This document is protected by copyright. All rights reserved. Reproduction or downloading for personal use or inclusion of any portion of this document in another work intended for commercial purpose will require permission from the copyright owner(s).

**ADVERTENCIA:** Este documento está protegido bajo la ley de derechos de autor. Se reservan todos los derechos. Su reproducción o descarga para uso personal o la inclusión de cualquier parte de este documento en otra obra con propósitos comerciales requerirá permiso de quien(es) detenta(n) dichos derechos.

Please note that the layout of certain documents on this website may have been modified for readability purposes. In such cases, please refer to the first page of the document for its original design.

Por favor, tenga en cuenta que el diseño de ciertos documentos en este sitio web pueden haber sido modificados para mejorar su legibilidad. En estos casos, consulte la primera página del documento para ver el diseño original.

## T E A T R O s a l a s s u b i r a t

## assim é que é

Andam os jornais de S. Paulo possessos de ralva porque o público não quer dar este ano ao empresário Mocchi a confiança de comparecer nos seus espetáculos líricos. Eu ando contente. Contentíssimo.

Era o que eu queria. No primeiro número deste amado jornal dos meus pecados aconselhei à nossa platéia que tomasse essa atitude de absoluta indiferença. Agora portanto me felicito. E entusiasmado felicito o público. Aí pessoal!

Porque vamos e venhamos; o que têm sido as temporadas oficiais do Municipal todos os anos?

Manifestações de arte? Meu Deus do céu! Basta ver o repertório desta de 1926. Até hoje (dia 23 em que escrevo), pondo de parte duas ou três óperas (*A valquiria*, o *barbeiro de Sevilha*, velho e cansado de guerra, *Monna Vanna*), só se representaram antiguidades insuportáveis ou então baixezinhas integrals. As companhias improvisadas por Walter Mocchi ignoram ou quase que além de Verdi, Massenet e Puccini existem outros compositores. O repertório vai para a Itália e da lá volta sem mudar as suas peças. Não sempre as mesmas. Mesmíssimas: "Rigoletto", "Thais", "Mme. Butterfly", "Aida", "Manon", "Bohème". Para variar arruma de vez em quando em cima do público "Mefistofele" e "Carmen". Obrigado pelo governo e pelo interesse delicia também os ouvidos patriotas com uma causa nacional qualquer. Finalmente uma ópera de Wagner para disfarçar. E pronto.

Não sendo manifestações de arte as temporadas do Municipal por si mesma nada fazem a bem da nossa educação estética. E portanto as subvenções que as incentivavam são muito mal empregadas.

O elenco é sempre digno do repertório. Até o deste ano para amostra. Compõe-se todo ele ou de principiantes (como Bidu Sayão) ou de artistas em completa decadência (como De Muro, que aliás nunca

prestou para nada. Vanni Marconi e Crabiú) ou de mediocridades e nulidades até ríspinas. De Angelis fazem o elenco o papel da ópera de Wagner no repertório: é só para tapear. Francamente.

E depois o grande, o grandíssimo, o grandíssimo (a gramática portuguesa e Osorio Duque Estrada que cavem se quiserem) desafio de em S. Paulo os preços das localidades serem superiores aos cobrados no Rio. Desafio tanto maior quanto a verdade que raramente Walter Mocchi traz as suas companhias completas para cá. Em regra elas vêm desfalcadas de seus elementos menos ruins. S. Paulo recebe a escória. E paga mais caro! Só dando tiro.

Os advogados de Walter Mocchi têm por costume dizer, procurando assim desmentir os acausadores destes, que o homem está arruinado, que perdeu todo o dinheiro que possuía com as temporadas líricas do Brasil, que é portanto um abnegado, uma vítima de sua dedicação sublime e patati e patata.

Argumento que não convence nem convence. Primeiro porque não é errado que alguém insista em prosseguir num negócio que só lhe dá prejuízo. Segundo porque, pensando bem, nós não temos nada com isso. Nada absolutamente. Quem não tem competência não se estabelece (o ditado é novo mas muito conhecido). Nunquém obrigou Walter Mocchi a se fazer empresário. Mas já que ele se fez tal o público tem o direito de exigir que ele o seja bom. Para far-lo a ser bom usa de único meio ao seu alcance: não comparece aos maus espetáculos que ele lhe quer impingir. No que faz multíssimo bem.

Eu acho. E digo mais: é preciso combater as estopadas líricas de Walter Mocchi com a mesma energia com que se combatem a febre tifoide e outras calamidades que assolam periodicamente S. Paulo. Tal qual.

Antônio de Alcântara Machado

La Ruta del Miraje, 1924  
Pasos en la Sombra, 1926  
Marinetto, 1926.

Individuo que na primeira moedade acreditou por demais, acreditou por acreditar, porque acreditava um meio bom da gente empregar as forças da Juventude, vem um dia em que acha o fim da Terra. Está com os pés na borda do paredão e adiante do paredão só tem vazio, não tem nulla. Então ele só pode crer no não-creer. Me parece que Salas Subirat um dia achou o fim da Terra... Não conheço nada da vida intima dele porém. La Ruta del Miraje é quem tem uma fruta amadurecida no pessimismo e na desilusão. Drama cerebral pesado cheio desse filosofismo um pouco tachado que é tão comum nos polemistas.

Ora Salas Subirat é um temperamento precioso de polemista e por isso o livro dele mais rijo e colorido é o Marinetto. Ensaio para os fósseis do Futurismo. Até estão algumas ardentes e vale a pena a gente sentir o calor com que defende o Comunismo e esfacia Mussolini e Marinetti, denunciando com amor verdadeiro a significação social dessa embuda de patriotas antidiutíniacos, mais egocíacos ainda que patriotas.

Porque o mérito maior do peão da Ruta del Miraje está em que chegando no fim de todas as desilusões não se afiou do paredão no vazio. Voltou pra trás depois de fazer um colchão vasto de beladona na borda do abismo e agora com as pupilas dilatadas pra bem enxergar as nuances compensadoras da realidade encontrou caminho novo em que ressuscitou o homem individual pra combater pelo homem social. E se tornaram cheias de claridade as simplicidades dele pelo Comunismo. Acho isso natural e até lógico...

Si a gente considera a frondosa imbecilidade humana o Comunismo talvez a solução mais exata que se possa dar pro homem social. Acredito que o Comunismo possa produzir benefícios inesmenos num país que nem a Rússia e isso estará vendo (embora não haja benefício que justifique ua morte extorquida)

porém a gente carece de aceitar as formas de governo conforme as psicologias nacionais e as circunstâncias tranzitorias das chamadas patrias. A iniciativa individual é tão inata nas nações latinas e uma circunstância tão propícia ao estadio de civilização da América (apesar de todos os males e ridículos da tirania mussoliniana, espanhola, do oligarquismo sulamericano como do individualismo monetário italiano) que uma reorganização comunista de governo na Europa latina ou na América me parece pelo menos inoperante já.

... entre nós (falo de brasileiros) só mesmo um "comunismo" tem condições de viabilidade e anda gordo, repolhudo-das-silva: é a conveniência da falta-de-caracter em que todos vivemos numa incomensurável paz. E o clímax desse "comunismo" etico acha outro dia entre os potiguaras semi-civilizados de Grumixá sobre os quais informa Alípio Bandeira na triste Cruz. Indigna que se roubam mutuamente as plantações sem que ninguém se abepinhe ou proteste. Esta é a verdade.

Pois foi a simpatia com que acietra o Comunismo que deu a Salas Subirat o seu livro melhor, Pasos en la Sombra. O momento culminante, a verdadeira "inspiração" dessa novela é a greve de Janeiro de 1919 em Buenos-Aires descrita com precisão emotiva estupenda. Não tem mais traços da Ruta del Miraje a não ser vagamente na figura fatigada de Guilhermo Hermida. É um romance de força simples e dessa simplicidade humana Antonio Rinaldi adquiriu todo o relevo dele, uma realidade quasi palpável.

Não sei exatamente que papel manteve Salas Subirat na literatura artua da Argentina. Não imagino que possa ser muito grande não porque os homens por demais característicos nas suas tendências e que acreditam e se aferram por de mais numa verdade não deixam em suas personalidades espaço adonde os outros se acomodem. Terá um grupinho de amigos e pros outros passará indiferente... Carece que a obra de Salas Subirat vá crescendo do vã crescendo pra que com o

volume ela possa dominar todos pela certeza da sua honestidade severa muito pura. Que nem a Roland Rolland... Uai! esse escritor faz parar a risada no meio da pandega da gente... Então toda a gente admirará o escritor.

Mario de Andrade.

## "nossa terra... outras terras"

Já se sabe que Natal é uma terra de gente viva. Gente viva se acomoda ao tempo, é lógico, não fica por ai parada não fumando o caximbo dos fogos fatuos em convívio de amizade com os mestres do passado. Pois agora surgiu lá mais uma revista onde uma revolta inquieta de prosaadores e trovadores busca se adaptar ao Sol clarinho do dia. A gente nota logo a prosa de Nunes Pereira os versos-livres de Othoniel Meneses, do Jorge Fernandes muito bom, de Damasceno Beserra e Jayme Wanderley. Este então sentiu uma quietude que vale a pena. Vejam:

Água tranquilla...  
O rio escorre morosamente.  
Serpentela...  
Na margem deserta um arbusto  
Inclina um ramo florido na corrente...  
As arvores dos bosques estão quietas  
Silenciosas medorrando...  
Um notável mosquiteira espaco...  
Uma scisma esquerda se insinua  
Na alma da noite clara...  
Descorada,  
A luta  
Passeia  
Pelo azul dormente  
Cautelesa  
Como que escrevendo  
Um poema de rosa  
Sobre a neve.  
Noite morta.

Si não fosse o "poema de rosa sobre a neve" era excelente. Quem dirige a revista é Renato Wanderley e o nome dela é "Nossa Terra... Outras Terras", tradicionizando o nosso. São confrades. E gente batuta. Pois que toquem nestes ossos.

se criaram sem que de momento ninguém os apercebesse para só mais tarde as gerças seguiam os encontrarem perfeitamente delineados.

Ao iniciar os estudos de uma construção, vê-se o arquiteto diante de três problemas: 1.o) atender praticamente aos fins da obra; 2.o) adaptala ao clima e costumes do lugar; 3.o) observar no ponto de vista estético as possibilidades concedidas pelo material de que dispuser no momento e harmonizar da melhor forma possível com as características da época. Segundo com acerto este postulado arquiteto fará certamente trabalho útil e duradouro porque toda obra executada com bom senso tem probabilidades de se furtar às variações da opinião. Existe a moda na arquitetura como em tudo mais. Varia em extremo segundo a cultura e o progresso do meio, o que nos faz vaticinar a reprovacão que brevemente atingirá certo gênero de construções ora epidêmico entre nós. Mais do que em S. Paulo é imperdível disparate construir no maravilhoso scénario tropical do Rio de Janeiro edifícios com pátio ilha pseudo Luiz 16. E a mesma — sem tirar nem por — que vemos repelida de todo francês culto, que a considera sacrífica para ordem de um estilo nobilíssimo. Sempre foi a melhor maneira de se respeitar alguma coisa não lhe tocar e muito menos com mãos desastradas; essas infelizes construções estão para as autênticas, que existem em Paris no Faubourg Poissonière, S. Honré, S. Germain e outros bairros, como um café está para um sítio. Todo francês dotado de criterio estético ridiculariza o chamado "stile president Loubet" que até pouco tempo ainda regia destrastrosamente as construções oficiais francesas. São condenados os ornatos da monte Alexandre 3.o, os dos dois edifícios próximos destinados a exposições, os da nova galeria do Museu do Louvre; os da gare do Quai d'Orsay e outros mais pelos criticos apagados às tradições. Nem podia deixar de ser assim visto que no tempo de Kraften e Ransonnet não havia como hoje enormes edifícios para estações de ferro-carris, por exemplo, cuja forma é especial. Portanto as diretrizes aplicadas na construção do Hotel de Salm, no Bagatelle, do Petit Trianon e tantos outros edifícios espalhados pela França são inaplicáveis a construções modernas de gênero e fins completamente diversos. Mesmo no que diz respeito às casas de apartamentos, que agora vemos com 8, 9 e mais andares, nada havia sob

## Arquitetura Brasileira

E tão profunda a confusão que reina entre nossos arquitetos, em matéria de renovação estética, que julgamos altamente oportuno ouvir sobre o assunto a palavra de um entendido, o Dr. GREGORIO VARCHAVCHIK, durante a sua permanência em São Paulo. Conhecedor perfeito das tendências artísticas modernas, dispondo de extensa erudição, formado em Roma, portanto familiarizado da melhor forma com os clássicos, o distinto engenheiro russo está em condições particularmente favoráveis para nos esclarecer questões tão importantes.

Tanto nos seus artigos publicados no "Correio da Manhã" do Rio quanto em seus projetos, há qualidades admiráveis que lhe tornam o parecer em extremo valioso. Chamamos a atenção de todos que se interessam pela beleza das nossas habitações e comodidade das nossas cidades, para esta entrevista na qual o Dr. Varchavchik manifesta sua opinião acerca da construção mais apropriada ao Brasil.

Quanto mais estudamos a obra dos antigos arquitetos, disses-nos o Dr. Varchavchik, maior é o nosso assombro perante o grau de perfeição que atingiram. Os grandes mestres que se celebraram no passado, como sucedeu no Renascimento italiano, contrariam a marcha dos anos mercê de leis tão sábias como as da própria natureza. Deram eterna juventude aos edifícios que construíram, passando o tempo por eles sem deixar outros vestígios além dos duros materiais. Aquelas monumentos possuem em si um tal equilíbrio de proporções, tão grande harmonia de minimo pormenor ao todo, que resulta jamais nos parecerem antiquados os palácios de Roma, Florença ou Veneza dos séculos XV e XVI. Ao analizarmos as causas, vemos que provém de estarem os construtores integrados em sua época e suas obras corresponderem exatamente às necessidades de então. Em Roma papal os palácios apostólicos ou cardinalícios, requeriam enormes pátios e vastos portões para darem ingresso às carroagens tiradas por várias parrelhas de cavalos levadas de batedores e guardas armados. No interior do edifício necessitavam largos escadórios e galerias para o cortejo representado pelo séquito dos príncipes da Igreja. Faziam também amplas antecâmaras, muitas dependências, cozinhas, etc., para abrigar a famu-

lação da casa. No Quirinal duas casas lôgo impressionam o visitante: uma, a massa enorme do palácio; outra, ao entrar, as proporções do pátio. Narra a crônica romana que Mr. de Lavardin chegou ao palácio Farnese à testa de um pequeno exército quando assumiu o cargo de embaixador de Luís XIV, rei de França e poude ajuá-lo comodamente na embaixada. Por esta época ainda rivalizavam os numerosos príncipes da Itália, continuamente arescidos pelo nepotismo, na sumptuosidade dos pacos. Aos arquitetos que contratavam não mediam condições; apenas indicavam que lhes conseguissem maiores esplendores do que os do vizinho. Assim não havia pécas à concepção do artista que no ideal templos e palácios podia expandir livremente o seu êstre. Eram mantidas as fabulosas despesas que tal fausto acarretava pela devocão dos monarcas católicos e quando estes conseguissem maiores esplendores por qualquer motivo — fossem guerras, fosse escassez de remessas de ouro e diamantes das Índias — havia ainda as dâdivas das populações, não menos fervorosas que os soberanos. Além disso, os negócios da curia romana, caudal sem fim de presentes para o sacro colégio onde avultavam os rendimentos de solicitadores tais como o famigerado Paz em tempos de D. João III de Portugal.

Hoje estamos numa era completamente diversa. No século que assiste ao triunfo da aviação, da televisão, da rádio-telefonia e tantas outras maravilhas, a maior expressão do gênio inventivo do arquiteto não está mais no templo, nem na fábrica, nem tampouco no palácio, mas no estádio para esportes. Neste ele pode atrair a imensa distância um lance de cimento armado, que irá resguardar do sol e intempéries os desportistas que frequentam o estadio. E aí, por que, no se realizar este intento, se vinha repentinamente diante de difícilíssimo problema. Sem as antiguidades aquela casa nova, formava com os móveis igualmente novos, um conjunto desconfiante, claro, sadio, a treasonar alegria. Com que quebrava-se essa harmonia feliz embora fossem preciosos os objetos caudados do desacordo. Não foi possivel harmonizar os gêneros antinônicos. Parecia demasiado, inútil, mesquinhos mesmo, os contornos de talha dourada dum tocharé D. João V juntamente dum poltrona cujos acolchoados eram idênticos aos do mais cômodo automóvel. Era desgradável ver no pé dos cristais retininos dum licreiro moderno repousar sobre uma mesa de fórmica simples e robusta uma caixa antiga de prata com seus valores polidos do tempo e amansados das quedas. Depois de muitas tentativas meu amigo, que possui estudo clássico, gosto a par de muito sentido prático, resolveu construir no jardim um pavilhão isolado para as antiguidades. Teve moin de recorrer á unica solução cabível para o caso. Todos os obstáculos que lhe antorriam as conciliadoras intenções decorativas provinham de ser a nova abitação uma máquina complexa e simples a um tempo, pelos seus aperfeiçoamentos modernos, e por isso mesmo avessa à indumentaria

sob Paulo III, passou e não mais tem razão de ser. Deve o moderno arquiteto estudar os antigos não com o fito de imitar-os mas com o de desenvolver sua capacidade estética no sentido do equilíbrio e das medidas. Nossos maiores pouco se preocupavam em inventar estilos: seguiam apenas as necessidades "do seu tempo". E foi assim que estes

## um homem na multidão

Ribeiro Couto é o nosso poeta que menos se preocupa consigo mesmo. A tendência intelectualista na poesia moderna é muito forte e conta entre os representantes cujo valor constructivo é definitivo para o nosso momento. Sendo estes imitado bem esclarecidos e informados sobre cada uma de suas intenções, vão orientando com segurança as suas aquisições subconscientes. Empregam na qualidade mesmo de criadores recursos críticos lúgubres. Mas o autor do "Um Homem na Multidão" não quer saber disso nem dângulo. Não tem em vista as determinantes do nosso momento e nem se importa com tendências e intenções. Sua sensibilidade é exquisita e não vai na onda". E assim mesmo pra quem quiser. Mas a gente que tem cê na cabeça suas ideias vai se fazendo de intrometido e diz: Você, Couto, precisa fazer isto e mais aquilo. Eu acho feio que se fique muito encorajado dentro de si mesmo. Ainda mais aquele poeta que dispõe de elementos poderosíssimos com a riqueza de sua vida interior, a sua grande força criadora e a sua compreensão nítida das ideias novas. Já apresenta indícios de muito boa saúde e não pode deixar de lutar contra a permanência de um estado mental a que não corresponde mais um estado corpóreo.

Af está Manuel Bandeira que é também um caso isolado e que se aproxima de Ribeiro Couto à força de diferenciação. Mas tem mais vontade do que este último e se empenha em tentativas. Anda mesmo levado da breca e ninguém pode com a vida dele. Está dansando na corda bamba pra vencer uma fatalidade orgânica que o submete a uma sensibilidade excessiva. Já procura furir as soluções exageradamente pessimas dos problemas artísticos actuais.

Tristão de Athayde observou muitas que o — Arte Poética — publicado na Revista n. 3 é contra ele mesmo.

Ribeiro Couto não se mete em grandes tentativas.

Bu acho que ele deve sacrificar o gosto egoista de uma existência pesada por demais. Precisa sofrer o he-

luz 16 que se lhe assemelhasse. Por conseguinte nem siquer os ornatos então aplicados às habitações coletivas são apropriáveis em nossos dias. Destinavam-se a edifícios com determinadas proporções de sorte que falam ao serem transportadas para superfícies diferentes. Já não nos referimos às casas comerciais feitas agora naquele gênero, cujo aspeto se torna ignobil assim que recebem as tubulações dos ocupantes. Reformamos pois ao que dizíamos a princípio. Isto é: ser muito louvável o estilo Luiz 16 em sua época (como aliás todos os estilos) porque correspondia às necessidades dos seus contemporâneos, mas prejudicial no Brasil onde não se harmoniza nem com a natureza nem com os costumes. Naquele tempo ainda estavam em moda as pastoais, a rivalizar com a nascente imitação dos costumes ingleses. Era o conde de Artois, proprietário de Battaglia, propagandista de costumes britânicos por causa das corridas de cavalos. Seus primos, os principais de Conti, adotavam o "chá" a inglesa" segundo nos diz um quadro celebre e a nobreza deliciava-se com novidades filosóficas.

Nas vésperas da terrível revolução, a vida decorria amável em pavilhões, "Petites mansions" e retratos bucólicos, cuja voga chegou até Da. Carolina Joaquino no Rio de Janeiro onde devido à influência inglesa também se ensaiaram corridas sob a regência de D. João. Nas ruas de 1780 não havia os atropelos das grandes cidades modernas. Usavam-se então pacíficos sieges que nos transportam muito longe dos bôndes elétricos, motocicletas, automóveis, e como consequência de tudo isso, das bombas de gasolina, dos grilos e postes para sinas de São Paulo. Podia-se soergadamente parar diante a uma casa afim de espalhar a vista pelos vasos, grinaldas, laços, panóplias e flores — em tudo semelhantes aos desenhos do ilustrador Vinsac — que lhe adornavam a fachada. Tampouco não havia o perigo de tais ornatos serem, logo depois de aplicados, cortados das placas de dentistas ou anúncios luminosos de empresas comerciais.

Esse tempo passou e, se quisermos reproduzir o estilo Luis 16 ou outro qualquer, devemos copiá-lo tal qual sem acrescentar um metro na fachada nem outra inovação por insignificante que seja. Nestas condições — as únicas em que podemos respeitar os estilos de outrora — é

roismo intelectual de quem procura sempre se exprimir melhor.

Dispondo de numerosos recursos críticos, de facto não os emprega na qualidade mesmo do poeta. Pense que a poesia deve representar o homem todo. Ele pode si quizer desdobrar a personalidade como criador em que se acomodou abandonando o apego à vida muito particular da sua sensibilidade.

Que ponha um freio na bichinha dessa sua sensibilidade maniosa e passarinheira que nem potro bravo. Não se trata de dar uma generalidade extrema a suas ideias e emoções. Acho até perigoso no momento se imprimir um carácter de universalidade forçada nas suas creações poéticas como o fez Ronald de Carvalho em "Toda a América". Bem. Mas o poeta é um espírito criador que procura se exprimir da melhor maneira afim de se por em comunicação com outros espíritos.

Aquela necessidade de comunicação da que fala Mário de Andrade por mais que se oculte por detrás da necessidade de expressão e coisa muito verdadeira e muito certa, magro o meu caro Prudente de Moraes Neto e a própria reconsideração daquele que a expôz. A impressão poética não pode parar nem se conter nela mesma devendo ser sempre um ponto de partida para o trabalho pessoal daquele a quem ela é transmitida. Essa impressão ou configuração poética quando é exteriorizada deve romper o cordão umbilical que a liga ao criador para começar uma existência independente conservando, apenas, o euhu da paternidade. E' mto o autor forjar uma passividade constante de espírito a espectador. Assim acontece ao poeta que circunscreve muito a sua emoção à particularidade personalíssima de seus momentos. Eu me explico. O egocentrismo dele exige da gente uma submissão espiritual sempre continua e um poder de recepção muito vasto. Eu procreo o homem na obra de arte mas a própria procura já implica o meu trabalho pessoal. Reclamo contra a intervenção continua de um "eu" particular na criação poética impedindo o nosso livre movimento recreador de espetadores.

Vou falando assim apegado de considerar aquele espírito um estupendo impossível fazê-lo corresponder às necessidades da época actual.

E' quasi ocioso repzar a importância do clima e dos costumes do país relativamente à construção de casas. Em França a tonalidade cinzenta das frontarias de pedra e a mancha negra causada pelo rebaldo de ardósia são amenizadas pela vegetação que lhes fica proxima (tanto no campo como nas cidades onde os boulevards são arborizados) cuja cor é viva, alegre, mormente durante a primavera quanto a folhagem chega a ser de um verde quasi translúcido. Entre nós a cor das arvores é muito mais carregada, convindo noas casas claras para cheirarmos ao mesmo contraste. Os que copiam egocentricamente um estilo do passado sem reparar nos inconvenientes dessa cópia cometem grave erro porque ignoram como foi que ele se elaborou. No fim do reinado de Luis 16 era a Itália a Méca dos artistas franceses. Estava no apogeu da eficiência e pensionato da Vila Medicis, David, Percier e Fontaine, futuros criadores do estilo império e intérinos outros sorviam na península os conhecimentos que mais tarde ingeniosamente adaptados às condições da vida francesa, haviam de engranger a celebridade. Por esta altura também lá se achava Grandjean de Montigny a estudar apaixonadamente os adornos dos tumultos do Renascimento sem que entretanto os reproduzisse no Brasil quando aquí esteve a chamado conde da Barca. Afigura-se-nos muito dissemelhante uma fachada italiana do século 10 de uma francesa do diretório. Dificilmente adviríramos a oculta influência de uma sobre a outra si ignorasssem os estudos dos artistas que a promoveram. E' que foi tão completa a transformação da Itália para a Irmã Latina — que o baúl trabalho nos passa despercebido de tão perfeito. Não houve cópia, porém, transformação. Não se trouxe para Paris o telhado peninsular próprio para o céu italiano nem se esforçaram sob as tristes brumas da Ilha de France os atavios que se destinavam a luz radiosa de Monte Cavallo. Foram simplificados até serem moldados no caráter de Paris. Da mesma forma não se concebe um edifício colonial português em pleno Charing Cross, nem se pode admitir uma casa Luis 16 em São Paulo.

No Brasil, onde não há neve, não se justifica nem pela utilidade nem pela estética o funebre calção de ardósia que entenebrece milhares de habitações francesas. Devemos evi-

Assim Ribeiro Couto não permite que nós outros colaboremos nem um poquinho nos trabalhos que faz. E a gente em relação a esse trabalho é mais vivido que ele tira os elementos de sua força poética. São as pequenas horas da vida que formam toda a substância de suas creações. O admirável é que ha humaníssima simplicidade de motivos e de assuntos, não se aproxime nunca da banalidade. Os factos da existência habitual perdem em exterioridade para ganharem em significação intima e em profundezas espirituais. Di gere e assimila profundamente os acontecimentos exteriores incorporando perfeitamente à sua natureza intima.

Acho que todo o isolamento do "caso" Ribeiro Couto se reduz ao problema da expressão.

Não tem dúvida que o processo muito directo que aquele poeta emprega para se exprimir circunscorre muito a emoção. Quem diz, como ele, não tão queijo queijo, conserva ainda o cordão umbilical nas suas creações poéticas. Eu levo em conta não só a qualidade da sensibilidade que cê é excelente, mas também o poder de pintura das impressões. O homem primitivo soltando uma exclamação deante de um aspecto da natureza fave o impulso lírico inicial pra crear o poema. Foi sem dúvida, no momento, poeta mas não realizou a sua poesia porque aquela sua exclamação não era suficiente para recrear no espectador uma同情 analoga.

Lembra a Ribeiro Couto a necessidade de um maior enriquecimento dos meios expressivos. Mario de Andrade empregou em grande parte do Lozano Cauqui um processo muito directo de expressão mas foi logo avisando pra maceteada: "Olha, isto é poesia de circunstância, são ideias sensações brincadeiras liricamente anotadas".

Afinal, poesia é mesmo uma arte. Não quero dizer que se adoptem artifícios modernistas de construção verbal. Mas encontro algumas vezes no "Um Homem na Multidão" uma facilidade pouco expressiva de certos versos.

E quem conhece a alta tensão e qualidade de La ordem do Irlismo de Ribeiro Couto encontra, ali, naturalmente, uma insuficiência de meios expressivos.

Vou falando assim apegado de considerar aquele espírito um estupendo

poeta moderno revestido de uma humanidade muito profunda. E' no quotidiano mais simples mais puro mais vivido que ele tira os elementos de sua força poética. São as pequenas horas da vida que formam toda a substância de suas creações. O admirável é que ha humaníssima simplicidade de motivos e de assuntos, não se aproxime nunca da banalidade. Os factos da existência habitual perdem em exterioridade para ganharem em significação intima e em profundezas espirituais. Di gera e assimila profundamente os acontecimentos exteriores incorporando perfeitamente à sua natureza intima.

Achou que todo o isolamento do

caso" Ribeiro Couto se reduz ao problema da expressão.

Dependurada num portal  
A toalha em que enxuguei as lágrimas  
Oscila ao vento.

Amo as coisas simples  
Tudo o que está em roda de mim  
Existe sem ninguém saber.  
Casa pobre.

A humilde verdade.

Não se vê nem uma imagem nem uma metáfora por mais simples que seja.

E' a vibração contínua de uma poderosa máquina nervosa. São versos apagados sem cor sem sonoridade com o elemento musical muito interior.

Ribeiro Couto tem o grande valor de continuar uma das felizes da nossa boa tradição romântica. Lembra ás vezes o sentimental batuta que foi Casemiro de Abreu que, depois de quebrado o tradicionalismo deixado atrás de si, pode ser julgado com serenidade. Foi um poeta de verdade e a sua força lírica vinha do fundo inconsciente da raiz.

Um dos traços que individualizam o autor de "Um Homem na Multidão" é o seu sentido da vida moderna. Nas suas poesias não se vê mais aquele preconceito romântico do não conformismo no mundo exterior. O poeta tem a revelação contínua e surpreendente de uma correspondência secreta de plano entre a sua vida individual e o universo visível. E' com uma ingenuidade boquiaberta e muito primitiva que vai descobrindo aquela correspondência. E' bem mesmo essa a sua filosofia inconsciente da vida, feita de uma harmonia da vida de sua alma com a vida das coisas. Não se trata de panteísmo que se caracteriza pela voluntinosidade. O que verdadeiramente existe nele é um instinto que lhe desvela intimamente a realidade objectiva cuja menor manifestação assume para ele as proporções de uma revelação espiritual. E' um conformismo orgânico que se desdobra num optimismo muito intenso.

E eu posso garantir a todo o mundo que aquele poeta não é um puro contemplativo cujo espírito deixa correr o marfim.

Ele vive na acepção integral do termo e está dito tudo.

B. Horizonte.

MARTINS DE ALMEIDA.

tar esse resposta só pela tristeza purissima sob o de incômodo no absurdo que tanto prejudica Buenos Aires. Na capital argentina, necessariamente sem tradições, com uma cultura incipiente, o "pastiche" atingiu o auge. Sobreveu males pouco lissonjeiros onde só existe a semi-ordem, mormente na região platina desprovida de belezas naturais que possam compensar os absurdos perpetrados pelos habitantes. Quando os conhecimentos dum burgues da cidade rica, situada num paiz novo, mal dão para entender o estilo Luis 16, surge logo o macacismo. Na Argentina ele está no galardim. Nada se vê de original na sede portentosa. Tudo ali é de importação, da costa mais ínfima, a mais importante. Qualquer forasteiro que chega ao Prata a procura do país só percebe estranha paródia de que tem em sua própria casa.

Foi sempre condenável a cobiça servil e a ninguém passará pela mente decalear os defeitos alheios. Ora o caixão de ardósia a servir de telhado é o principal causador do desgraçado aspecto de Paris. Tem esta cidade dos terríveis defeitos em suas construções: o telhado de ardósia e a pedra de Clermont que lhe enegrece as fachadas. De desastrosa é reunião de ambas. Sirvam de exemplo os numerosos casas gerais "Emerson", feitos no tempo do barão Haussmann, que reduzem a muito o apelido de "Cidade de Luz", dando a uma das mais sensacionais aglomerações urbanas do mundo. Não fossem os objetos das mostras, o movimento das ruas e, principalmente, as mulheres, Paris seria francamente insuportável.

Gracias à sua viva inteligência e à tradição que já possuem, os brasileiros não querer por certo evitar o contrassenso que molesta seus vizinhos do sul. Temo confiança nos paulistas porque nessa cidade de há muito existem arquétipos nacionais de primeira ordem com excelentes realizações. Não podemos ajuizar levemente algum excesso de ornatamento que porventura lhes sobre-carregam os projetos, porque só quem pertence ao ofício e esteve em contato com o cliente pode conceber a quanta extravagância somos compelidos muito contra nossa vontade.

Assim sendo, desde que o profissional não possa dar curso a sua originalidade porque o cliente deseja o que é de tipo europeu, é preferível recorrer ao estilista do passado mais apropiado ao lugar. Aconselharmos a S. Paulo que securisse o belíssimo período do clacissimo em que se cons-

truiu grande parte das residências dos antigos fazendeiros no bairro dos Campos Elíseos. Existem ainda interessantes exemplares, tais como os palacetes do falecido Conde do Pinhal, da família Paula Souza, a esquina da rua do mesmo nome com a Florêncio de Abreu, logo ao lado do Dr. Antonio Paes de Barros, hoje pertencente ao Sr. Cunha Bueno, o Concelho, da rua Duque de Caxias; o do Dr. Adolf Gordo, na praça da República; do da família Almeida Prado, à rua Brigadeiro Tobias; e no centro da cidade a antiga Prefeitura, actualmente Forum Civil. Mas acima de todos, como imponência e perfeição, está o ex-Grande Hotel cuja fachada para o lado da Travessa lembra um Vitruvio. Antes desse período houve um também interessante, posto que um tanto primitivo, durante o qual foram erguidos o palacete do barão de Piracatiba à rua Brigadeiro Tobias, que possuía a mais bela grade de S. Paulo; algumas casas da rua São Luis e adjacências, como o palacete Souza Queiroz, antes de ser reformado pelo Círculo Italiano, e outros.

Para habitações mais modestas, contanto sejam singelas, serve o estilo português conhecido por "colonial" dada a sua razão de ser no Brasil. Todos os modelos de países meridionais prestam-se mais do que os de regiões nortistas, em razão da semelhança de costume e do clima. Traz-nos igualmente embarrancos o desacordo entre as posses do cliente e suas ambigüezes. Neste caso evidenciam-se as vantagens do modernismo, porque a grande simplicidade da fachada facilita o acabamento, o conforto e o luxo do interior que valorizam em extremo uma habitação.

No Brasil há inúmeras razões para adotarmos as linhas puras, sem adereços inúteis, já devido à falta de pedra de talho, já porque a flora das fachadas que tanto dinheiro lhes custaram. Já não se pode dizer o mesmo das residências do bairro Higienópolis que aparecem mais gosta e discreto, além de belos jardins onde há um esboço do que aconselhamos. Proveniente da generosidade da terra a paramentação externa dum casa moderna deixaria salvo, como vimos acima, para a melhoria da qualidade do material empregado no interior. Poderíamos então proceder de forma a apresentar aos olhos maravilhosos do estrangulamento suntuosidades do pão marfim, da imbuia e do jacarandá, nas portas, teto e lambri dos aposentos.

Caminha rápido o progresso da cultura geral em São Paulo, o que nos dará para muito breve os valiosos frutos do bom entendimento entre o público e o profissional. Sómente é preciso que se esforcem os arquitetos em substituir os estrangulamentos. Estes são os grandes canudos dos disparates cometidos em terras novas. Se o arquiteto for realmente fará castelos "marjim do Reino"; se inglês cottages "marjim do Tamisa"; se italiano, as abomináveis macarrones que assolaram Milão de 1900 ate a guerra. O único que pode criar realmente o estilo para o país é seu próprio filho, porque as afinidades que tem em si fazem-nos acertar assim que se liberta das influências exóticas. Seria ingenuidade querer-se em indivíduos que só vieram com intenção de lucro, pois é improvável que façam como Floravanti, arquiteto italiano que foi a Russia atraído por Iván o Terrible. Mandou o tsar que lhe arrancasse os olhos atum que jamais pudesse reproduzir a catedral de Vassili Blagovêshchenski de Moscou. De tal forma o infeliz aproveitava a arte popular russa, quando lá chegou, que as maravilhas conseguidas acabaram por despistar os zelos do despotismo. Foi um extraordinário caso de discernimento estético, cuja sagacidade foi bem mal recompensada. Sofreu o martírio aquele genio porque produziu uma obra prima.

No entretanto em todos os tempos vemos mais arquitetos ascendendo ao fastigio da glória justamente por serem maus arquitetos. E o peor é que chegam intactos a este estado, de forma a poder realizar ainda em ponto maior as chaticeas que por ironia do destino lhes trouxeram a remansosa prosperidade.